

ARTE, LITERATURA E CINEMA INDÍGENAS: UMA ESTÉTICA DA RESISTÊNCIA

Letras, Linguística e Artes

Dra. Ana Carolina Cernicchiaro (orientador), Lua Vitória Trupel, Débora Regina Ouriques

Universidade do Sul de Santa Catarina

Jornalismo e Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Campus Pedra Branca
anacer77@yahoo.com.br, luatrupel@gmail.com, d.rouriques@hotmail.com

Introdução

O presente projeto de pesquisa visa investigar a agência política da arte feita atualmente por indígenas no Brasil. Busca-se, a partir da análise de obras de arte, performances, textos literários e filmes indígenas, estudar a relação entre estética e política, arte e resistência. Assim como, no final dos anos 80, o fortalecimento do movimento político indígena veio acompanhado do fomento de sua literatura, com nomes como Daniel Munduruku, Kaká Werá, Eliane Potiguara, Cristino Wapichana, Olívio Jekupé e etc, recentemente, a intensa resistência ao etnocídio e o protagonismo de lideranças indígenas na política se dá em conjunto com a emergência de pessoas e coletivos de diferentes etnias em exposições, festivais de cinema e publicações editoriais. Trata-se, explica o artista e curador Denilson Baniwa, de ocupar “um território simbólico e hegemônico que historicamente construiu um imaginário da identidade nacional de forma excludente e discriminatória” (BANIWA, 2018). Segundo Ailton Krenak, ao interagir com os diferentes suportes da arte, uma diversidade de povos vem produzindo faísca, não apenas por suas referências nas matrizes ancestrais da arte indígena, mas também por falar da presença indígena no meio de uma sociedade que “ainda nos cospe e que a gente tem que ficar em pé e gritar todo dia que estamos vivos se não a gente vai ser engolido sem ninguém perceber”[1]. A arte como um gesto de coragem, de combate, como “uma potente arma para denunciar as injustiças que estão se abatendo sobre nosso povo”, afirma Krenak.

Neste sentido, é importante lembrar que o etnocídio iniciado com a invasão das Américas pelos europeus, que dizimou cerca de 95% da população originária e extinguiu milhares de culturas e línguas, ainda está em curso. As notícias sobre o impacto do garimpo entre os Yanomami, o descaso governamental com as necessidades específicas da população indígena nos últimos anos, especialmente durante a pandemia, a falta de fiscalização em relação às invasões, seguidas de desmatamento, dos Territórios Indígenas revelam a urgência de pesquisas acadêmicas sobre o tema. Pesquisas que se proponham a escutar as vozes dos povos originários a partir de sua própria epistême, de sua própria estética.

Objetivos

- Mapear, analisar e disseminar a produção artística, literária e fílmica feita por indígenas no Brasil.
- Discutir a relação entre história da arte, colonialidade e modernidade;
- Debater a agência política e social da arte e a relação entre estética e política;
- Investigar as diferenças ontológicas a respeito dos conceitos de natureza e cultura nas sociedades indígenas e na sociedade moderna/capitalista, a guerra entre a “economia do cuidado” (Kaká Werá) dos povos originários e o utilitarismo exploratório do “povo da mercadoria” (Davi Kopenawa);
- Aproximar os pesquisadores de conceitos chaves da antropologia, como o de perspectivismo ameríndio;
- Contextualizar a luta política dos povos originários na demarcação de terra e a relação entre ecocídio e genocídio, racismo ambiental e antropocentrismo;
- Analisar a produção artística, cinematográfica e literária indígena contemporânea.

Metodologia

Entre as etapas do projeto estavam a seleção e a análise de obras de arte, performances, filmes e livros que pudessem contribuir para a discussão, como os trabalhos performáticos e artísticos de Jaider Esbell, Daiara Tukano, Denilson Baniwa, Zahy Guajajara, filmes do Coletivo Mbyá-Guarani de Cinema, de Isael Maxacali e Sueli Maxacali, Aida Harika Yanomami, Roseane Yariana Yanomami e Edmar Tokorino Yanomami, Patrícia Ferreira Pará Yxapy, Takumã Kuikuro, entre outros, os livros de Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Olívio Jekupé, Kaká Werá, Julie Dorrico, etc, Tendo em vista a perspectiva de verificação da relação entre as inovações estéticas e as estratégias políticas das obras, a pesquisa trabalhou com uma ampla gama de produções artísticas feitas por indígenas. Nos interessaram especialmente trabalhos que explicitem a ontologia dos povos originários, especialmente no que tange os conceitos de natureza e cultura, a luta pela terra, a relação entre genocídio, ecocídio e epistemicídio, e a arte como resistência política.

Resultados

Através da pesquisa os participantes puderam desenvolver um pensamento crítico em relação à história da arte, compreender o contexto político e ecológico da luta dos povos originários, entender a ligação entre ecocídio e genocídio indígena, racismo ambiental e antropocentrismo e debater sobre a relação entre estética e política, arte e natureza, história da arte e colonialidade. Além disso, através de palestras, participação em eventos, artigos científicos publicados e cursos ministrados, a pesquisa vem colaborando com a disseminação da atual produção artística, cinematográfica e literária que vem sendo produzida por indígenas no Brasil.

Conclusões

A produção de artistas indígenas não apenas coloca em cheque a universalidade da história da arte e seus dispositivos históricos e estéticos de invisibilidade, como também problematiza o pensamento utilitarista, etnocêntrico e antropocêntrico do “povo da mercadoria”, mostrando que racismo e antropocentrismo, genocídio e ecocídio, são dois lados de uma mesma moeda, tentativas de justificar a dominação e a destruição da natureza, de invalidar a relação de pertencimento que os povos originários têm com a terra, o fazer corpo com a terra, com o solo e com o planeta. A estética cosmopolítica da arte indígena contemporânea nos ensina, assim, formas outras de resistência e de existência, concepções outras de ser e de mundo, de ser no mundo, de ser-com o mundo.

Bibliografia

- BANIWA, Denilson. “O ser humano como veneno do mundo”. Entrevista por Julie Dorrico e Ricardo Machado. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*. Edição 527.
- CERNICCHIARO, Ana Carolina. A Terra como corpo: a “economia do cuidado” contra as cinzas do “povo da mercadoria”. *Alea: Estudos Neolatinos*, vol. 23, núm. 1, 2021, Janeiro-Abril.
- _____. A poética indígena como resistência: por uma abertura na literatura brasileira contemporânea. *Revista Crítica Cultural*, vol. 15, núm. 1, 2020.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Pueblos expuestos, pueblos figurantes*. Buenos Aires, Manantial 2014.
- _____. *Diante da imagem*. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DOCUMENTO final I Marcha das Mulheres Indígenas. APIB, 15 de agosto de 2019
- DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIRA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.
- DUSSEL, Enrique. Europa, Modernidad y Eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo. *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Buenos Aires: Clacso, 2000.
- GROFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas. *Revista Sociedade e Estado*. V. 31, N. 1. Janeiro/Abril 2016.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu*. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.
- _____. *A vida não é útil*. São Paulo: Cia. das Letras, 2020.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 32 Nº 94. junho/2017.
- MUNDURUKU, Daniel. “Literatura para desentortar o Brasil” (entrevista a Ana Carolina Cernicchiaro). *Revista Crítica Cultural*, Palhoça, SC, v. 12, 2017: 15- 24.
- _____. *O Karaíba*. São Paulo: Melhoramentos, 2018.
- NEGRO, Maurício (org.). *Nós – uma antologia de literatura indígena*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.
- POPYGUA, Timóteo da Silva Verá Tupã. *Yvyrupa/A terra uma só*. São Paulo: Hedra, 2017.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- _____. *Os involuntários da pátria*. São Paulo: n-1edições, 2016. WERA, Kaká. Tembetá. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2017.

